

# AS CRÔNICAS DE JÚLIO GONÇALVES NA REVISTA *ILUSTRÇÃO GOANA* (1864-1866)<sup>1</sup>

## THE JULIO GONÇALVES CHRONICLES IN THE *ILLUSTRÇÃO GOANA* (1864-1866) MAGAZINE

JOSÉ ANTÔNIO PIRES DE OLIVEIRA FILHO<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo faz uma breve apresentação das crônicas produzidas por Júlio Gonçalves no periódico goês *Ilustração Goana* (1864-1866). Conhecido como o primeiro contista em língua portuguesa, em Goa, o autor também contribuiu muito com a imprensa periódica e literária local, pois criou e dirigiu esta que foi a revista literária de maior duração na então chamada Índia Portuguesa no século XIX e publicou nela a parte mais significativa de sua obra.

**PALAVRA-CHAVE:** Literatura Goesa, Crônica, Imprensa Periódica, Júlio Gonçalves, Século XIX.

**ABSTRACT:** This article brings a brief presentation of the chronicles written by Júlio Gonçalves in the journal *Ilustração Goana* (1864-1866). He is well known as the first short-story writer in the Portuguese language in Goa. The author also contributed to the local literary press, as he created and directed one of the most long lasting literary journals in the colony called Portuguese India in the 19th Century and published in it the most significant part of his works.

**KEYWORDS:** Goan Literature, Chronicle, Periodic Press, Júlio Gonçalves, 19th Century.

---

1 O presente artigo tem origem na tese de doutoramento do autor, intitulada *Júlio Gonçalves e a literatura romântica na Índia Portuguesa* (2018). Foi desenvolvido no âmbito do Projeto Temático *Pensando Goa*, financiado pela FAPESP (Proc.2014/15657-8).

2 Doutor pela Universidade de São Paulo.

Vindo de uma tradicional família brãmene católica de proprietários e administradores naturais de Goa, Luís Manuel Júlio Frederico Gonçalves (1846-1896), ou como ele mesmo assinava, Júlio Gonçalves escreveu seus primeiros trabalhos de caráter jornalístico para o periódico goês o *Ultramar* (1859-1941). Todavia, esse homem de múltiplos talentos,<sup>3</sup> consolidou a sua importância no universo da cultura local, sobretudo, das letras, ao fundar a revista *Ilustração Goana* (1864-1866), espaço que lhe possibilitou a divulgação de seus próprios textos, que contemplavam vários gêneros jornalísticos e literários, com maior destaque, como afirmam Vimala Devi e Manuel de Seabra (1971, p. 218-219), para o conto, sendo considerado o primeiro autor a se consagrar como contista em Goa no âmbito da imprensa periódica.

Apesar de ter contado com um grande número de colaboradores, foi o autor que mais textos publicou na *Ilustração Goana*. Seus textos trataram de uma gama extensa de temas: acontecimentos da colônia, comentários e divulgação a respeito de eventos culturais, considerações acerca do tempo, religião, biografia de pessoas em evidência no momento, dentre muitos outros. Quando se observa a totalidade desses escritos, destaca-se o gênero cronista, no qual Júlio Gonçalves encontrou um espaço de experimentação artística, dada a liberdade que esse tipo de produção permite.

Antes de apresentar algumas crônicas produzidas pelo autor como exemplo de sua escrita, faz-se crucial buscar entender as características desse gênero. Definir a crônica é uma tarefa complexa pelo fato dela não se constituir em uma forma estritamente literária, no mesmo sentido em que são definíveis o romance ou o conto, por exemplo. De início, o que se evidencia é a sua vinculação com o tempo, característica inerente ao gênero, como sugere a etimologia da palavra crônica (do grego *chronos*, tempo), sendo essa relação com a temporalidade a característica que se vê presente tanto no plano temático quanto na estrutura do texto.

Carlos Reis (2002, p. 87) classifica a crônica em dois subgêneros: a crônica medieval, associada à historiografia narrativa, e a crônica de imprensa. Como não poderia ser diferente, Júlio Gonçalves, escritor de periódicos do século XIX,

---

3 Além de ser lembrado como escritor e articulista na imprensa periódica oitocentista goesa, Júlio Gonçalves foi também professor, inspetor de ensino e advogado (cf. COSTA, 1997, v.1, p.105-108).

alinha-se com a segunda definição, dadas as suas condições de produção e objetivos de escrita.

A crônica de imprensa se constitui a partir do registro de um fato, normalmente, retirado do cotidiano e destituído de significado relevante. João Roberto de Faria (1995, p. 7) menciona que a variedade de assuntos tratados em uma única crônica pode ser tamanha que podemos encontrar lado a lado “notícias sobre a guerra da Criméia, uma apreciação do espetáculo lírico que acabara de estrear, críticas às especulações na Bolsa e a descrição de um Baile no Cassino”, ou seja, ela se presta a discutir o “comezinho”, o cotidiano, mas também os temas históricos, econômicos ou mesmo filosóficos. Machado de Assis a define como a “fusão admirável do útil e do fútil, do sério consorciado com o frívolo” (MACHADO, 1859, p. 959). Dessa forma, o cotidiano representa, nesse gênero, a “matéria-prima construída pelo cronista” (NEVES, 1992, p. 76), interessado em apreender o desimportante no momento de sua própria gênese, explorando o seu conteúdo “pitoresco, humano e urbano” (BRAYNER, 1982, p. 432). As ideias de cotidiano, frivolidade e banalidade associadas à crônica, gerou a definição de “gênero menor”, discutida por Antonio Candido, em importante estudo sobre o tema:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. “Graças a Deus”, – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós [...]. Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. [...] Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza ou uma singularidade insuspeitada (CANDIDO, 1992, p.13-14).

Candido aponta a suposta irrelevância da crônica como uma de suas características basilares, pois é na despreensão do fato diário que o texto se humaniza e essa humanização lhe permite recuperar uma certa profundidade de significado e de acabamento de forma que, de repente, “podem fazer dela uma inespérada embora discreta candidata à perfeição” (CANDIDO, 1992, p. 13).

A humanização acima mencionada advém, prioritariamente, do discurso pessoal do cronista – de sua subjetividade –, pois o autor das crônicas imprimirá nelas as dimensões cultural, ideológica, social e psicológica que, à primeira vista, escapariam a um observador que não estivesse atento, mas que atuam como partes importantes dos textos. Assim, o posicionamento do cronista perante o real revela afinidades com o narrador típico do relato ficcional, visto que intenta representá-los em um discurso narrativo que seleciona o essencial e o mais impactante. Sua particularidade, no entanto, está no condicionamento ao contexto em que está inserida, ou seja, possui relação direta com as motivações do discurso do seu próprio contexto de produção da imprensa na qual se insere, vinculada ao cotidiano. Por conta disso, tem-se nesse gênero um evidente valor documental, assumindo a função de representar as memórias de um tempo e de uma sociedade.

Ademais, é necessário mencionar que tais produções não se constituem apenas a partir de estratégias discursivas advindas do texto de imprensa, mas também de estratégias discursivas que regem especificamente o folhetim “no que se refere ao ritmo de publicação e à continuação gráfica, e mesmo certo pendor ensaístico, quando mesmo não ficcionalizante, e da epistolografia, herdando dessa o tom dialogante e interpelativo da carta escrita a um destinatário que se queira familiar” (REIS, 2002, p. 88). Desenvolve-se, portanto, de forma híbrida, o que estrutura essa tipologia textual.

A relação entre autor e texto é outra característica importante a ser destacada, visto que a maneira como o cronista imprime traços de estilo em seus textos normalmente permite que a crônica se singularize e se situe no limiar do literário e do jornalístico, ou seja, é o autor que lhe marca a destinação e imprime-lhe um caráter reconhecível de produção literária que não se limita ao produto do jornalismo circunstancial do dia-a-dia. A interação cronista-crônica transforma o texto jornalístico em literário, tornando perene o que seria efêmero, prescindindo desse referencial histórico para a sua sobrevivência. No tocante às crônicas do século XIX, lidas na contemporaneidade, muitas vezes não temos acesso ao fato que suscitou o relato, no entanto, o estilo do autor pode ir além do fato e, dessa maneira, permitir que a compreendamos naquilo que tem mais valor, isto é, a sua dimensão estética, de literalidade, de diálogo com a tradição literária.

## As crônicas de Júlio Gonçalves em *Ilustração Goana*

As crônicas de Júlio Gonçalves foram publicadas, como referido, na *Ilustração Goana*, seguindo a mesma disposição das seções do periódico *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil* (1859-1865), inclusive em suas designações: “Chronica do mez” e “Chronica política nacional estrangeira”, como constatou Garmes (1999, p. 113).<sup>4</sup> A seção “Chronica do mez” era voltada a assuntos que ocorriam exclusivamente em Goa. Os acontecimentos referentes a Portugal ou mesmo às outras colônias ficavam a cargo da “Chronica política, nacional e estrangeira”.

Na seção “Chronica do mez”, além de Júlio Gonçalves, contribuíram José Francisco de Albuquerque e José Pedro da Silva Campos de Oliveira. De Júlio Gonçalves, contamos com um total de dez textos publicados nessa seção. As crônicas referentes à política nacional e estrangeira ficaram ao encargo exclusivo de Antônio João Frederico Gonçalves de Figueiredo (1849-1867), irmão mais novo de Júlio Gonçalves. Os textos, geralmente, apresentavam-se em duas folhas e receberam o mesmo nome em todo período de publicação, exceto uma vez, em razão da quebra de periodicidade, quando aparece com o título de “Chronica de Maio e Junho”.

Centrando-nos nos textos de Júlio Gonçalves publicados na seção “Chronica do mez” (p. 6-7), a primeira crônica aparece, evidentemente, no primeiro número da *Ilustração Goana*, em novembro de 1864. Não há indicativo de autoria nesse texto, mas podemos atribuí-la a ele, pois, como efetivo editor e maior colaborador da revista, todos os textos que não a apresentavam assinados podem ser creditados a ele. Isso, tendo em vista que não havia motivos para o anonimato naquele contexto; pelo contrário, todos queriam ter seus nomes estampados naquela inovadora publicação de forte viés literário. Além disso, é de se esperar que muitos textos ficassem sob responsabilidade do próprio Júlio Gonçalves, pois como editor e dono da publicação, corriqueiramente assumia mais funções que os colaboradores. Deste modo, conclui-se que faz todo o sentido atribuir a autoria dessa primeira crônica a ele.

---

4 Todavia, há de se ter em conta que essa disposição de seções só aparece na *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil* em 1864, exatamente o mesmo ano em que começa a se publicar a *Ilustração Goana*, o que sugere o interesse de aproximação ou mesmo de algum diálogo de bastidores da publicação goesa com a revista luso-brasileira.

A referida crônica é dividida em duas partes: a primeira apresenta um tema caracteristicamente literário, enquanto a segunda evidencia aspectos que se relacionam com economia, assim como comentários acerca de notícias sobre acontecimentos políticos, burocráticos e de interesse popular, como é possível constatar na transcrição<sup>5</sup> abaixo:

#### Chronica do mez

Graças á espíritos progressistas, os trabalhos litterários do paiz vão tomando incremento, vindo á luz publicações substanciosas, e talentos que viviam quase de todo desconhecidos.

Neste nosso primeiro ensaio de chronista temos a anunciar os almanachs do *Christianismo e Popular*, para o anno vindouro de 1865.

[...]

O segundo he a estreia do sr. J. P. da Silva Campos e Oliveira, a qual reúne em si a seriedade e a variedade de artigos curiosos, sendo alguns elaborados por muitas pennas illustres do paiz.

Estão nos prelos da imprensa nacional, algumas obras do sr. Filippe Nery Xavier, um dos velhos e hábeis escriptores goanos, – entre outras as *Memórias do Tribunal de Inquisição em Goa*, [...]

Também está no prelo a 3ª caderneta dos *Quadros Históricos de Goa*, escriptos por uma penna que tem, em curto tempo, dado provas d'uma reconhecida habilidade, que progride á despeito de todas as contrariedades, que tem sofrido. O tempo hade fazer calar a inveja no animo dos que deviam ter dispensado todo o apoio e protecção aos escriptores noviços.

[...]

A carestia dos gêneros alimentícios está consideravelmente diminuta; e o preço dos cereaes vai proporcionalmente baixando com a importação do mantimento, tanto do norte, como do sul. Consta que sobe a 10,000 o número das sacas d'arroz, entradas no paiz desde a última abertura da barra. (GONÇALVES, J. *Ilustração Goana*, n. 1, nov. 1864, p. 6-7)

O autor inicia a crônica apresentando claro otimismo diante do surgimento de novas produções literárias, que traziam à luz autores até então desconhecidos.

---

5 Optamos por manter a grafia do texto original da revista em todas as citações.

Aqui, percebe-se já o caráter de divulgador cultural que o cronista assumiu no decorrer de boa parte do texto, uma conduta que se mostrou recorrente em outros números da revista. Além disso, percebe-se nessa passagem um tema importante dos debates da época e a influência das condições de produção da Goa oitocentista, o fenômeno político-jurídico-social do perismo<sup>6</sup> que, entre outras questões, remetia à liberdade de imprensa, bem como à promoção da cultura goesa, localizando a *Ilustração* como parte desse movimento. Uma vez que, como apontam Luís Pedroso de Lima Cabral de Oliveira e João Caleira (2018, p. 283-284), essa dinâmica não pode ser desvinculada dos interesses das elites católicas naturais, tanto brâmanes, como o próprio Júlio Gonçalves, quanto chardós.

Nos quatro períodos que se seguem ao parágrafo introdutório, o papel de difusor de novas obras é reforçado e apresenta ao leitor os “almanachs” do *Christianismo e Popular*, atribuindo ao primeiro a credibilidade advinda do sucesso de números anteriores e considerando o segundo um volume novo e promissor que traria contribuições de diversos autores goeses: “muitas pennas illustres do paiz”. Chama a atenção, nessa primeira crônica, o uso recorrente do vocábulo *paiz* que, neste caso, refere-se especificamente a Goa. Kerbauy (2008, p. 102) menciona que a constante alusão à colônia tenha se dado, nesse texto, com a intenção de afirmar as singularidades de Goa como espaço privilegiado, diverso de outras colônias ou da própria metrópole.

No tocante à apresentação das produções literárias, o cronista faz questão de ressaltar os avanços apresentados pela imprensa goesa e se mostra bastante animado com tal fato, uma vez que associa a publicação dessas obras a uma nova geração de intelectuais, o que assinalaria o caráter progressista de Goa. A amplitude de assuntos mencionadas no texto permite que retomemos a citação, aqui já feita, de João Roberto de Faria, que diz que a crônica, com sua intenção de registrar o cotidiano, trata em um mesmo texto assuntos de caráter completamente díspares. Assim, de esperançoso difusor de obras literárias, Júlio Gonçalves passa a dissertar a respeito de assuntos que preocupam de forma

---

6 Perismo é a designação que se deu em Goa ao movimento político em torno da figura do político liberal Bernardo Peres da Silva (1755-1844), cuja atuação gerou uma espécie de figura mítica associada à defesa dos interesses dos goeses no contexto do primeiro momento do liberalismo português.

imediate a população, como a carestia de alimentos e o movimento dos preços de acordo com a demanda, ou seja, o texto assume um caráter híbrido no que se refere às temáticas apresentadas e por ele problematizadas.

Percebemos que o caráter utilitário da crônica, como uma síntese de temas que estavam em voga no momento de sua escrita, era um aspecto do gênero adotado integralmente por Júlio Gonçalves, que não se preocupava em hierarquizá-los, como fazem diversos cronistas. Nessa, que designamos aqui de Crônica n. 1, além dos temas referidos, também se fizeram presentes comentários sobre aspectos políticos da colônia, notícias sobre transporte de mercadorias, entre outros de teor cotidiano, que não cabe aqui comentar em toda a sua extensão. Nesta primeira crônica, ainda não é visível uma marca que particularize sua escrita e denote o estilo do cronista. Na segunda, no entanto, já temos uma presença maior de seu estilo.

Da “Crônica 2”, destacamos:

#### Chronica do Mez

O chronista vem, hoje, satisfeito. Traz a pasta cheia de novidades. E porque não hade estar alegre, se as novidades são o único alimento do chronista? A chronica não he um romance. O romancista quando não sabe, imagina, cria. O chronista, quando imagina, desreputa-se, cae.

[...].

As litterarias têm sempre, aqui, o primeiro lugar. Comecemos.

O almanak vai sendo, sobre tudo, o sitio mais facil, em que as intelligencias nascentes procuram estrear-se com preferencia. E o bom he que muitos espíritos cultos, seja por passatempo, seja desenfado, entretém-se no *almanack*, e o povo apezar da sua decidida repugnância às letras, tem acolhido e promete acolhel-o todo sempre; talvez por lhe dar no gosto aquelle *utile et dulci* dos mancebos, que pela vulgaria de linguagem, e correnteza d’estillo conseguem levar as suas producções á intelligencia do povo.

Em resultado, temos, pois, o almanack *do christianismo*, *l o almanack popular*, o almanack *litterário*, o almanack *instructivo*, o almanack *do povo*, o almanack de *Goa*, o almanack *de lembranças luso-indiano*, o almanack *de lembranças indo-lusitano*, e até, finalmente, o almanack da *Ilustração*. Muitos destes já se estreiarão com felicidade. Os outros, os que ficam em promessa, he ver. [...]

Ora deixando-se disso, o chronista vê com satisfação que em muitos ramos literarios se tem trabalhado e se vai trabalhando com esmero. [...]

Fecharam-se as escolas do paiz, para até o dia 6 de janeiro.

Concluindo a chronica, o chronista chama a atenção do amigo leitor para tudo quanto acaba de lhe contar; e deseja-lhe saúde para o grande e longo acto que vai fazer. Pois não vai agora dormir em 1864, para acordar em 1865?

E adeus. Boas festas.

Nova-Goa, dezembro – 30 – 1864.

(GONÇALVES, J. *Illustração Goana*, n. 2, dez. 1864, p. 16-17)

Nessa segunda crônica, Júlio Gonçalves parece dar um efetivo salto de qualidade naquilo que remete ao estabelecimento pleno de uma voz narrativa que se assume enquanto figuração do cronista, desenvolvendo um estilo particular, que emprega a metalinguagem, fazendo reflexões sobre o exercício da escrita literária. Tratando em terceira pessoa sua condição de narrador, pela designação de “chronista”, evidencia-se o interesse de estabelecer um tipo de foco narrativo específico da crônica, isto é, um narrador que reivindica sua subjetividade para tratar de temas objetivos: “O chronista vem, hoje, satisfeito. Traz a pasta cheia de novidades. E porque não hade estar alegre, se as novidades são o único alimento do chronista?”. É, primeiramente, o sentimento subjetivo do cronista que está se sobressaindo. No entanto, na sequência afirma: “A chronica não he um romance. O romancista quando não sabe, imagina, cria. O chronista, quando imagina, despreputa-se, cae”. Desse modo, faz questão de deixar claro que a crônica é um texto cujo compromisso é o relato objetivo e factual, relacionado a acontecimentos concretos.

Podemos dizer que nesse processo, ocorre o que Antônio Candido (1992, p.13) denomina como humanização da crônica, uma vez que a sua subjetividade ganha o primeiro plano, fazendo com que tudo que relate venha a ter uma dimensão pessoal e, portanto, humanizada. Essa ação, no entanto, não se confunde com a do escritor ficcional, já que ele faz questão de se distinguir do romancista, que teria a liberdade de criar, de fundar a realidade em sua narrativa. Já o cronista tem compromisso com a objetividade: “Felizmente, o chronista viu muito que contar e ouviu muito que dizer. No mez gozou-se muito. Novidades há-as á barda”. Note-se que, ao lado de salientar o seu testemunho dos fatos, pois “viu” e “ouviu”, sua subjetividade vem marcada pela expressão “gozou-se

muito” e, na sequência, valoriza ainda mais a sua análise subjetiva ao destacar a importância da expressão formal e literária, do seu relato, notando que, depois de tudo: “Só cumpre contar bem e dizer melhor”.

Nessa crônica, constatamos a formação de uma consciência sobre o tipo de verossimilhança em que o gênero se enquadraria, como um produto que depende de um vínculo estreito com seu referencial de realidade, feito o relato realista, mas que é fortemente marcado pela subjetividade do narrador e, sobretudo, por seu talento em “contar bem e dizer melhor”. Portanto, não basta dar testemunho do que ocorreu. É preciso fazer isso de forma a agradar o leitor.

É justamente ao encontro dessa preocupação com os recursos estético-literários que temos ali a explicitação do narratário, “amigo leitor”, o que diferencia o atual texto do anteriormente apresentado. O emprego da metalinguagem põe às claras o fato de a crônica possuir um narrador bastante assertivo, que conhece o seu ofício. Embora trate aparentemente com objetividade e veracidade os fatos relatados, apresenta-os de modo bastante coloquial, em um tom por vezes jocoso, permitindo-se encerrar com um pequeno gracejo acerca das festas de final de ano: “Pois não vai agora dormir em 1864, para acordar em 1865?”.

Dentre os recursos em empregados pelo cronista Júlio Gonçalves, chama a atenção a forma como emprega a metalinguagem. Como em um processo narrativo gradual, o cronista vai nos indicando quais serão os passos que seguirá em seu texto, como se nos revelasse uma espécie de esboço de sua construção textual antes do texto em si, ou melhor, explicitasse o caminho pelo qual irá conduzir o leitor. Primeiramente, há a definição simplificada do que é o gênero crônica e como deve ser apresentado; na sequência, indica a ordem em que os acontecimentos serão relatados, deixando claras suas prioridades: “As litterarias têm sempre, aqui, o primeiro lugar”. O passo seguinte é indicar ao leitor que ali se iniciará o diálogo entre ambos – leitor e escritor – “começemos”. Finalizados os assuntos literários, o leitor é convidado a mudar de assunto: “Ora deixando-se disso”. Todos esses elementos apontados indicam que essa crônica evidencia um salto qualitativo e técnico considerável em relação à primeira, uma vez que os recursos literários se ampliaram, tornando o texto mais complexo do ponto de vista estético.

Além da particularização do estilo do cronista, temos nessa segunda crônica um intenso trabalho de divulgação cultural, ao tratar do lançamento de periód-

dicos como o *Almanack do Christianismo* (1864), o *Almanack Popular* (1865), o *Almanack Litterário* (1866), o *Almanack Instructivo* (1865?), o *Almanack do Povo* (1865), *Almanack de Goa* (18-?), o *Almanack de Lembranças Luso-Indiano* (1865) e o *Almanack de Lembranças Indo-Lusitano* (1866), como o próprio “almanack” da *Ilustração Goana*.

Essa enumeração de publicações goesas coloca a *Ilustração* como parte de uma rede literária em plena atividade. Além desse aspecto, como afirma Sandra Lobo (2013, p. 112), o exercício de escrita e promoção de publicações de ilustração e entretenimento associavam-se ao *status* social e político dos seus promotores naquele momento histórico. Sendo assim, pode-se compreender o comportamento do autor e membro dessa juventude letrada goesa e católica, Júlio Gonçalves, em procurar ser o porta-voz de certos valores de seu grupo, como percebemos na passagem abaixo:

O almanak vai sendo, sobre tudo, o sitio mais facil, em que as intelligencias nascentes procuram estrear-se com preferencia. E o bom he que muitos espiritos cultos, seja por passatempo, seja desenfado, entretêm-se no *almanack*, e o povo apezar da sua decidida repugnância às letras, tem acolhido e promette acolhel-o todo sempre; talvez por lhe dar no gosto aquelle *utile et dulci* dos mancebos, que pela vulgaria de linguagem, e correnteza d’estillo conseguem levar as suas producções á intelligencia do povo. (GONÇALVES, J. *Ilustração Goana*, n. 2, dez. 1864, p. 16)

Os almanaques são vistos por ele como uma porta de entrada mais segura ao mundo das letras, se comparados a outras formas de publicação periódica. Isso porque esse tipo de produção era melhor absorvido do que as produções de maior tiragem, uma vez que não dependia de uma equipe, nem da quantidade de recursos que periódicos com produção mais frequente demandavam. Mencionando o suposto gosto popular pelo útil e agradável – anteriormente propagado no campo das letras portuguesas pela edição em Lisboa do periódico *O Panorama* (1837-1868), publicado pela *Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis* –, Júlio Gonçalves acreditava que o público teria maior apreço por tal gênero de produção pelo fato de haver, além do interesse pelos assuntos, preocupação com a linguagem simples e direta (“vulgaria da linguagem, e cor-

renteza d'estilo"). Era obviamente o que também buscava imprimir à *Ilustração Goana* e aos seus escritos.

Como outro exemplo pertinente do estilo de Júlio Gonçalves, citemos a "Crônica 8" (n. 8, jun. 1865), que se mostra como uma das mais profícuas, no sentido de percebermos a manifestação de uma depuração do estilo literário do cronista. Há nela, novamente, preocupação de mimetizar uma relação direta com o leitor em um tom bem-humorado. Assim se inicia:

Chronica de Maio e Junho

A chronica he hoje minha. Voltou a tarefa para a redacção, como volta o bom filho á casa do seu pai. – De bom grado a acolho. E por que não havia de acolher, eu que não poupo occasião a mais leve e oportuna de me pôr um *bocado* de tempo a conversar com o amigo leitor?

O jovem chronista do mez enfadado, porventura, no realmente enfadonho vêzo de coligir noticias, ou então desejoso de se dedicar mais seriamente a trabalhos poéticos e graves, deixa de ser por algum tempo chronista.

[...]

Não. He pena para todos; porque cá a minha penna fraca, débil, tremula, vacilante, tímida, nova, recatada e inexperiente, não pode satisfazer a ninguém. Não serve nem para o grave, nem para o folguedo, nem para o sério, nem para o risonho: não serve para nada. – He assim um mixto de tudo isso, e anda pobresinha pelo meio de tudo.

Mas vejam lá como a persona me deitou aqui a perder uma pagina inteira, falando mais que tudo e primeiro que tudo de si própria! Perdoem-lhe que he a primeira e a ultima; sim que será a ultima, protesto eu.

E vamos a noticias. Ainda que não vejo anciãs para me lerem novidades, quero sempre contar alguma coisa, que há muita coisa bonita a contar.

*Mas as novidades! As novidades!* Oh senhores! Pelo que vejo não gostam de arengas, nem de palavreados malcabidos? Olhem que tão malcabidos não me parecem estes. Mas não querem. Não falo. Querem só noticias. Pois ahi vão:

[...]

Junho.

J. Gonçalves.

(GONÇALVES, J. *Ilustração Goana*, n. 8, jun. 1865, p. 17-20)

O primeiro momento da crônica traz notícias que dizem respeito à educação, principalmente no tocante a alguns conhecimentos muito particulares sobre as demandas e dinâmicas escolares goesas. Um preâmbulo aparentemente geral, mas que remete a uma temática cara à Goa oitocentista, dada sua evidente relação com valores e projetos de ordem política e social dos grupos que participavam do debate público promovido na imprensa periódica.

Além disso, há no início desse excerto da crônica a informação subentendida de que escrever a *Chronica do mez* é uma atividade que um dos membros da equipe do periódico precisa realizar. É, portanto, uma atividade obrigatória, um trabalho e não uma opção do autor. Isso coloca no horizonte do leitor o profissionalismo daqueles que se dispõem à empreitada de criar um veículo na imprensa periódica, constituindo a profissionalização do escritor.

A justificativa da ausência do autor em crônicas anteriores estaria também ligada a essa profissionalização do escritor, pois resultaria do “enfadonho vêzo de coligir notícias”, e do “desejoso de se dedicar mais seriamente a trabalhos poéticos e graves”. Desse modo, reafirma a noção de trabalho no campo da produção de notícias na imprensa periódica, ao mesmo tempo que idealiza a produção artística. Assim, hierarquiza as atividades profissionais envolvidas na *Ilustração Goana*, em que o ato de dar notícias pura e simplesmente é o menos importante, pois podemos inferir que escrever crônicas carrega em si um prestígio menor do que o de escrever obras de ficção ou poemas, sendo que produzir estes outros gêneros resultaria em atividades mais valorizadas. Assim, novamente o cronista se encontra entre dois caminhos, ora realizando um trabalho pragmático e supostamente impessoal, como dar notícias, ora assumindo a voz de um narrador ou personagem de seu texto, como faz Júlio Gonçalves no texto acima transcrito, todo ele dedicado a reflexões subjetivas do cronista, diferindo do que seria um relato objetivo e direto de acontecimentos.

Júlio Gonçalves revela em seguida mais um aspecto da forma que concebe a crônica. Por um lado, como algo divertido, que deve provocar o riso e mesmo gargalhadas. Por outro, como algo sério e austero, que deve fazer refletir. Ao que tudo indica, em suas crônicas, o escritor procura encontrar um meio termo entre esses dois extremos, pois é evidente sua tentativa de deixar a presente crônica leve e divertida, sem, contudo, apelar para procedimentos como a provocação, o deboche, o sarcasmo.

Ao utilizar o adjetivo “jovem” ao referir-se a si mesmo, podemos entender, sobretudo pelo reforço da ideia que será apresentada no decorrer do texto, uma técnica que aponta para a modéstia, em que nosso narrador se apresenta aos leitores como alguém inexperiente, porém em processo de maturação intelectual. Evidencia sua suposta falta de qualidades, considerando sua “penna fraca, débil, tremula, vacilante, tímida, nova, recatada e inexperiente”, que não poderia satisfazer a ninguém, “nem ao sério, nem para o risonho: não serve para nada”. Esse exagero naturalmente tem a função inversa, na espera de que todos julguem o contrário, mas ainda assim expõe sua preocupação de tematizar sua própria inexperiência e, de forma muito perspicaz, já realiza uma autocrítica: “Mas vejam lá como a persona me deitou aqui a perder uma página inteira, falando mais que tudo e primeiro que tudo de si própria! Perdoem-lhe que he a primeira e a ultima; sim que será a ultima, protesto eu”.

Na sequência, emprega a encenação do clamor do público por novidades, colocando entre aspas e em itálico a expressão: “*Mas as novidades! As novidades!*” e responde que lhes dará novidades de forma a revelar sua desaprovação por aqueles que não se interessam por outra coisa senão notícias, o que pode ser tomado literal ou ironicamente. Se tomada literalmente, temos simplesmente a reafirmação da hierarquia das matérias jornalísticas que estabelecera no início da crônica. Se tomada ironicamente, temos a desautorização do próprio cronista, que ri de seu desejo de ver aquela hierarquia valer num mundo em que o interesse pragmático vigora, interpretação que julgamos mais plausível.

Numa espécie de *mea culpa* junto aos leitores, Júlio Gonçalves assim termina essa crônica:

E perdoando-me a palestra, o sr. Leitor, e principalmente a sr.<sup>a</sup> leitora, fiquem passando com saúde, que eu, cá para mim também desejo o mesmo. – Até o mez, em querendo Deus, como espero e havemos mister. (GONÇALVES, J. *Ilustração Goana*, n. 8, jun. 1865, p. 20)

Além de jocosamente pedir desculpas ao leitor, percebe-se que o autor pretendia incorporar em sua crônica uma imagem de seu público leitor, composto por homens em sua maioria, mas também, segundo ele, por mulheres, que poderiam se enfadar e se irritar com a falta de objetividade do cronista.

O plano temático dessa crônica se mostra digno de nota em outros sentidos, tal como apontamos no início de nossa observação acerca dos temas de seus textos, pois apresenta um tipo de conteúdo que se fará cada vez mais presente nas crônicas e na própria carreira de Júlio Gonçalves: seu interesse pela educação escolar goesa.<sup>7</sup> A criação de cursos em instituições, os dados sobre escolas e estudantes, entre outros assuntos que faziam parte do exercício profissional de nosso autor, não faltavam no recorte que ele realizava sobre os assuntos que considerava pertinentes.

Já na Crônica 9, Júlio Gonçalves se volta para um diferente modo de construir o texto:

Chronica do mez

Eu caro Josinho – <<Arranja lá uma excelente chronica>> disseste-me tu na carta que acabo de receber. Já era muito querer. Pois então uma chronica he coisa que sáia excelente das minhas mãos coitadas?

Não obstante, tencionava eu escrever a menos má de quantas tenho escripto. Talvez pudesse. Quanto menos, porém, espera a gente, as circumstancias contrariam os desejos dos homens. E eu hoje não só não posso escrever chronica, nem mesmo posso escrever nada.

Para não deixar ir duas paginas em branco, enfeixo aqui algumas novidades menos más das muitas que tivemos. Se te lembrarem algumas mais, regista-as, que por isso não me irá nada mal. Felizmente, desta vez o chronista não he *martyr de noticias*. Eu sou, pelo contrário, hoje, martyr de fastio, martyr de preguiça, e martyr de melancolia, que he o supremo dom das almas que têm um coração, e dos corações que têm uma vida.

*Mentira! Mentira!* Começou a bradar-me a natureza, desde que escrevi a ultima chronica do mez. Mas, depois de poucos dias, ella propria foi quem mentiu. – Quando magoado com a escassez das chuvas, acabava de lamentar a triste crise, abriram-se as portas de S. Pedro, na alegre crenças das nossas velhas, e choveu, choveu, e choveu sem cessar, e choveu alguns dias, e depois escasseou.

[...]

Ora basta, meu caro Josinho. Sinto tentações de me estender muito. Mas não posso. O entusiasmo d'uma festaca degenerou-me em mornura, e treme-me a

---

7 O autor foi inspetor de ensino e professor por grande parte da vida.

mão, e cáe-me a penna. Tenhamos saúde; e para a outra vez, falaremos muito e muito, havendo de que.

Teu do C.

Julho – 1865

J.Gonçalves

(GONÇALVES, J. *Ilustração Goana* n. 9, jul. 1865, p. 20)

A crônica é elaborada como uma carta destinada a uma figura chamada Josinho, diminutivo de José, em que o cronista realiza várias reflexões metalinguísticas e subjetivas, afastando-se muito do cronista que dá notícias e se aproximando daquela que tem íntimas relações com a criação literária.

O cronista vai estabelecendo um diálogo com uma suposta carta recebida por ele, que seria de “Josinho”, na qual o interlocutor faria um pedido de uma “excelente chronica” ao cronista. A pessoa a quem é dado tal apelido é revelada pelo próprio Júlio Gonçalves no texto “Christo e a redempção”, indicado no estudo sobre a *Ilustração Goana* realizado por Kerbauy (2008, p. 122) e refere-se a José Francisco de Albuquerque, também colaborador do periódico. Tratava-se de um interlocutor real e, em teoria, de conhecimento dos leitores do periódico, visto ser ele também um dos autores das crônicas mensais.

Assim, temos aqui a exposição ao leitor dos bastidores do periódico, isto é, o pedido de um colaborador para que o editor cumpra determinada tarefa, evitando que o periódico saia com “duas páginas em branco”, assinalando ainda o trabalho coletivo aí implicado: “Se te lembrarem algumas mais [novidades], registra-as, que por isso não me irá nada mal”. Essa é uma estratégia que novamente tem a ver com a profissionalização do escritor, do jornalista, do intelectual, que vive num universo de demandas de trabalho de qualidade e nem sempre têm tempo ou disposição individual para atendê-las.

Como já vinha se desenvolvendo em outras crônicas, a reflexão metalinguística reaparece, atuando como um tipo de mecanismo estilístico mais importante do que a transmissão de informações e notícias. Nessa suposta crise de criatividade encenada pelo cronista, ele brinca com o que seria seu martírio: “Felizmente, desta vez o chronista não he *martyr de noticias*. Eu sou, pelo contrário, hoje, martyr de fastio, martyr de preguiça, e martyr de melancolia”. Ser mártir de notícias poderia resultar de não ter notícias para anunciar ou então de ter que falar somente de notícias, sem espaço para falar daquilo que mais lhe inte-

ressava, isto é, da dimensão emocional da vida. O “felizmente” vem referendar essa segunda interpretação, já que o seu martírio seria “o supremo dom das almas que têm um coração, e dos corações que têm uma vida”. Estamos, portanto, em meio a uma concepção aparentemente romântica de sujeito, na qual as emoções e os sentimentos são o sentido maior da existência.

Essa importância é reforçada no parágrafo seguinte, quando nota que em outra crônica falara da escassez de chuva e estas vieram em abundância, tornando seu texto obsoleto. A conclusão necessária é que falar das coisas objetivas resultaria sempre em algo de valor muito efêmero, enquanto a reflexão sobre os sentimentos da alma almejava a perenidade.

O texto ainda apresenta uma sequência de informações sobre múltiplos assuntos, sempre relacionados uns aos outros, de modo a mimetizar uma conversa entre conhecidos que dialogam sobre os acontecimentos locais. Mantendo-se no enquadramento do gênero epistolar, o término da crônica não poderia ser diferente de uma despedida amistosa, ainda no mesmo tom de galhofa como antes já fizera.

### **Conclusões: o exercício do estilo e o retrato de um tempo**

No dia 31 de dezembro de 1866, Júlio Gonçalves escreveu seu último texto na *Ilustração Goana*, chamava-se “Agradecimento e despedida”, que não é propriamente uma crônica, mas uma reflexão final sobre todo o processo de escrita e edição da revista em que esteve envolvido por dois anos completos. Ele disserta a respeito do reconhecimento que obteve, do seu interesse em fazer algo pela mocidade goesa e se sente satisfeito, mesmo que de modo comedido, com o resultado do que veio a público. Se considerarmos as crônicas como foco, podemos dizer que de fato elas representaram, ao seu modo, uma contribuição realmente importante para as letras goesas do século XIX, porque, além de servirem com um retrato muito rico dos acontecimentos cotidianos goeses, materializaram o processo de maturação estilística de Júlio Gonçalves.

Inspirando-se em modelos europeus da crônica (GARMES, 1999, p. 113), ele pôde experimentar múltiplas formas de abordagem, consolidando um tipo de escrita que associava leveza, sarcasmo e aproximação junto ao público leitor. Pelos temas e estratégias de argumentação, podemos perceber o parentesco

inerente entre esse conjunto de textos e os contos do autor, de modo a fazer desse gênero “menor” uma das facetas mais interessantes da leitura da *Ilustração Goana*. Assim, poderíamos dizer que ali foram representadas, de alguma forma, as mentalidades e os valores da época, singularizados pela capacidade de síntese e criatividade de Júlio Gonçalves.

É importante ressaltar aqui, com a finalidade de valorizar a obra produzida por Júlio Gonçalves, que ao gênero crônica é inerente o seu paulatino esquecimento, pois, com o passar dos anos, o distanciamento da experiência cotidiana ali presente, acaba por tornar mais difícil a sua leitura. Sobram aquelas que, por seu trabalho literário, ganham qualidades estéticas que as perpetuam, mantendo o seu valor. Distantes de seu referencial histórico, as crônicas de Júlio Gonçalves continuam a nos interessar porque, como tentamos demonstrar, apresentam uma gama de estratégias discursivas que demonstram que o cronista, ainda que não intencionalmente, consolidou um estilo literário próprio. Este, por sua vez, por conta da referência cultural que a *Ilustração Goana* representou, possivelmente serviu de modelo para o surgimento de novas obras artísticas goesas, que beberam dos recursos ali empregados.

Augusto Meyer e Otto Maria Carpeaux, ao refletirem sobre o gênero das crônicas, apresentam uma síntese que aqui, no tocante aos textos de Júlio Gonçalves, mostra-se muito pertinente, pois afirmam que: “o importante e interessante não são os acontecimentos espetaculares, mas as pequenas trivialidades da vida, que revelam o fundo íntimo das almas e as verdadeiras leis da convivência humana” (MEYER & CARPEAUX, 1956, p.6). Isso, de fato, Júlio Gonçalves conseguiu captar com suas crônicas, vindo a ser um dos nomes mais representativos da literatura goesa de língua portuguesa do século XIX.

## Referências

- ASSIS, Machado. “Crônica de 3 de outubro de 1859”. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962.
- BRAYNER, Sonia. “Metamorfoses machadianas”. In: BOSI, Alfredo et. al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- CANDIDO, Antônio. *A vida ao rés do chão*. Campinas: Unicamp, 1992.
- COSTA, Aleixo Manuel da. *Dicionário de literatura goesa*. Macau: Instituto Cultural de Macau/Fundação Oriente, 1997, 3 v.
- DEVI, Vimala & SEABRA, Manuel de. *A literatura indo-portuguesa*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1971.
- FARIA, João Roberto. “Prefácio”. In: ALENCAR, José de. *Crônicas escolhidas: José de Alencar*. São Paulo: Ática; Folha de S. Paulo, 1995.
- GARMES, Hélder. *A convenção formadora: uma contribuição para a história do periodismo literário nas colônias portuguesas*. Tese de Doutorado. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- GONÇALVES, Júlio. “Chronica do Mez”. *Ilustração Goana*, Margão, n. 1, nov. 1864, p. 6-7.
- \_\_\_\_\_. “Chronica do Mez”. *Ilustração Goana*, Margão, n. 2, dez. 1864, p. 16-17.
- \_\_\_\_\_. “Chronica do Mez”. *Ilustração Goana*, Margão, n. 8, jun. 1865, p. 17-20.
- \_\_\_\_\_. “Chronica do Mez”. *Ilustração Goana*, Margão, n. 9, jul. 1865, p. 20.
- \_\_\_\_\_. “Chronica do Mez”. *Ilustração Goana*, Margão, n. 16, , dez. 1866, p.19-20.
- KERBAUY, Ana Cristina. *Ilustração goana e Minerva brasiliense: a sedimentação do romantismo em Goa e no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LOBO, Sandra Maria Calvinho Ataíde. *O desassossego goês: Cultura e política em Goa do Liberalismo ao Acto Colonial*. 613 f. Tese de Doutorado em História das Ideias. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2013.
- MEYER, Augusto & CARPEAUX, Otto Maria. “Apresentação”. In: *Contos machadianos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.
- NEVES, Margarida de Souza. *Uma escrita no tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas*. Campinas: Unicamp, 1992, p.76.
- OLIVEIRA FILHO, José Antônio Pires de. Júlio Gonçalves e a literatura romântica na Índia Portuguesa. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.
- OLIVEIRA, Luís Pedroso de Lima Cabral de & CALEIRA, João Pedro. “Direito, política e sociedade: as Novas Conquistas de Goa durante o perismo. Os contributos de Nery Xavier e Cláudio Lagrange”. In: VARELA, L. B; SASTRE, M. J. S. (orgs.) *Estudos Luso-Hispanos de História do Direito*. Madrid: Editorial Dykinson, 2018, p. 271-303.
- REIS, Carlos. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 2002.